

A CRÍTICA DE BUCHANAN À POLÍTICA ULTRAMARINA DE D. JOÃO III EM RELAÇÃO AO BRASIL COLÔNIA

Prof. Dr. Francisco de Assis Florencio – UERJ

RESUMO

Tendo vivido em Portugal de 1547 a 1552, Buchanan foi testemunha ocular da grande gesta colonial portuguesa e, por considerá-la injusta, desferiu críticas vorazes à coroa portuguesa e ao seu *modus operandi*. Por já ter passado pelos tentáculos da Inquisição, ele nada pode dizer enquanto esteve em terras portuguesas, mas, ao desembarcar nas glebas francesas, abriu o verbo e atacou duramente o governo de D. João III. Primeiramente ele aborda a questão dos soldados lusitanos que foram abandonados em Marrocos e passaram a viver quase como mendigos. Historicamente falando, sabe-se que o rei passa a ver no Brasil a fonte de renda que faltava às terras lusitanas, dando início, assim, a colonização de nosso país e a criação das capitânicas hereditárias. Com isso, segundo o poeta, ele toma o quinhão que deveria ser dado aos soldados e o entrega a colonos devassos. Esses colonos não são bem visto por ele por serem homossexuais. Na verdade, como veremos durante a análise dos poemas *Brasília* e *In Colonias Brasilienses, vel Sodomitas a lusitanis missos in Brasilia*, há um exagero por parte do poeta, pois, embora uma parte dos degredados tenha sido de homossexuais, não representaram, de forma alguma, uma maioria.

Palavras-chave: Buchanan, homossexualidade, Brasil.

BUCHANAN'S CRITICISM TO THE OVERSEAS POLICY OF D. JOÃO III IN RELATION TO BRAZIL COLÔNY

ABSTRACT

Having lived in Portugal from 1547 to 1552, Buchanan witnessed the great Portuguese colonial history and, for having considered it unfair, he struck voracious criticism to the Portuguese crown and to its *modus operandi*. Having already passed through the tentacles of the Inquisition, he could not say anything while he was in Portuguese lands, but when landing on French plots, he harshly attacked D. João III's government. At first, he approaches the question of the Portuguese soldiers who were abandoned in Marroco who turned to live as beggars. Historically speaking, it is known that the king turned to see in Brazil the income source that missed to the Portuguese lands, originating, so, the colonization of our country and the creation of the administration system called *capitânicas hereditárias*. Then, according to the poet, he takes the portion that should be given to soldiers and give it to fornicators. These settlers are not well seen by him because they are homosexuals. Actually, as we will see during the analysis of the poems *Brasília* and *In Colonias Brasilienses, vel Sodomitas a lusitanis missos in Brasilia*, that there is an exaggeration by the poet for, although a part of the convicts were homosexuals, they did not represent the majority at all.

Keywords: Buchanan, homosexuality, Brazil.

INTRODUÇÃO

Embora a crítica à maneira como Portugal realizava a sua colonização possuía bases históricas, o olhar estrangeiro aos feitos portugueses vem, com certeza, carregado de ressentimento, uma vez que o “mestre Jorge”, como era chamado pelos portugueses, passou um ano detido no mosteiro de Xabregas por ordem da Inquisição. Essa falta de liberdade mexeu, sem dúvida, com os seus brios e, após deixar as terras lusitanas, abriu o verbo e disparou, como uma metralhadora, improperios contra o monarca português, seu reino e sua gente.

Certamente as críticas de Buchanan se baseiam na maneira complacente como são tratados os homossexuais, pois, na sua visão, eles deveriam ser tratados conforme a letra da lei:

Qualquer pessoa de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer guisa fezer, seja queimado e feito por fogo em pó, por tal que jamais nunca do seu corpo e sepultura possa ser havida memória, e todos seus bens sejam confiscados pera a Coroa dos nossos Reinos, posto que tenham descendentes ou ascendentes; e mais pelo mesmo caso seus filhos e descendentes ficarão inábeis e infames, assi propriamente como os daqueles que cometem o crime de lesa majestade contra seu Rei e Senhor.”¹

Como o texto supracitado não foi colocado em prática, pelo menos enquanto Buchanan esteve em Portugal, ele cobrava do governo português uma atitude mais enérgica para com aqueles que praticavam este tipo de crime. A sua revolta vem do fato de que os sodomitas além de não serem punidos conforme a lei, pois a pena mais severa era o degredo, passavam ainda a viver mais tranquilamente nas

¹ *Ordenações Manuelinas*, no Livro 5, título 12, apud António Guimarães Pinto.

terras brasileiras, pois estavam bem distante do olhar da Inquisição, podendo, portanto, continuar a praticar o que para ele e para muitos da sua época era um pecado nefando.

Historicamente falando, parece-nos que Buchanan foi testemunha ocular dos fatos por ele narrados. Antônio G. Pinto assim nos descreve o contexto histórico de então:

Por outro lado, sabemos que a Inquisição de Lisboa prendeu e processou em 1547 cinco pessoas acusadas pela prática da homossexualidade, sendo alguns degredados para o Brasil. Chegou até nós o nome do que parece ter sido o primeiro português a pôr o pé em terras brasileiras, em Fevereiro de 1549, como punição pela prática do então chamado “pecado nefando” (ou inominável): chamava-se Estêvão Redondo e estava socialmente bem colocado, pois é qualificado como “moço del-rei” e “criado do governador [das armas] de Lisboa”. Talvez a este condenado, ou a alguns de seus quatro companheiros, se refira, com assomos de puritana indignação, o escocês Buchanan. (apud Prof. Luiz Mott)

Vê-se, pelo texto acima, que a veia puritana do poeta escocês pulsava por justiça. Justiça, para ele, era a punição, dentro da lei, daqueles que haviam praticado tão horrendo crime. O degredo, segundo seu pensamento, não era uma pena severa o bastante para aqueles que praticavam tão abominável pecado, pois, como veremos em seus poemas, ao serem enviados ao Brasil, os acusados de sodomia passavam a gozar de mais liberdade para pôr em prática seus desejos libidinosos.

Fica claro, então, que, na prática, a Inquisição não foi tão rigorosa com os homossexuais, conforme as palavras do professor Luiz Mott:

A sodomia, entretanto, não foi estigmatizada e perseguida em todos os tribunais do Santo Ofício da Espanha, nem mesmo pela Inquisição portuguesa em seus primeiros anos de instalação. Isto demonstra que inexplicáveis fatores históricos, políticos e culturais estariam por trás do maior ou menor radicalismo da homofobia católica².

Vê-se, com o depoimento acima, que, embora a sodomia fosse considerada um crime grave, a Inquisição estava mais preocupada, pelo menos no início, com outros tipos de hereges, como cristãos-novos e praticantes de bruxaria. A indignação de Buchanan se devia, provavelmente, à posição social do sodomita, como ocorreu com Estêvão Redondo. É a esse tipo de protecionismo a que ele se refere e que não aceita, embora tenha sido obrigado a conviver mais tarde com os boatos de que o rei Jaime I, de quem foi tutor, era homossexual. Modernamente falando, Buchanan pode ser colocado em dois polos opostos. Primeiramente, no poema *Brasília*, ele vai em defesa dos soldados portugueses que ficaram a “ver navios” na África e cobra do monarca português uma atitude mais patriótica, mais humana, mais justa e menos gananciosa e assistencialista em relação à sua política para com o Brasil e para com os colonos a ele enviados. No segundo poema, ele, ao se mostrar impiedoso para com os homossexuais e buscar, na letra da lei, a punição para aqueles que praticam tão nefando pecado, está, na verdade, atacando de maneira voraz e explícita a política colonialista do governo português. Deste poema, deixamos de fora três estrofes por percebermos que ora repetiam as questões já abordadas, ora serviam como meras alusões mitológicas.

TEXTO E TRADUÇÃO

XXIX. Brasília.

Africa deseritur, miles mendicat egenus,
Vi sine tuta fugax oppida Maurus habet.
Accipit obscœnos Brasilia fusca colonos,
Quique prius pueros foderat , arva fodit,
Qui sua militibus tollit , dat rura cinaedis,
Jure sub adverso nil bene Marte gerit.

A África está abandonada, o soldado, agora indigente, mendiga; o mouro, outrora fugaz, domina, sem que precise empregar a força, as seguras cidades. O obscuro Brasil recebe colonos obscenos; aquele que anteriormente havia profanado os jovens, cava agora os campos; aquele que toma os bens dos soldados e dá terras aos efeminados, indo contra ao que é justo, não governa bem na guerra.

COMENTÁRIOS

No primeiro verso, Buchanan traz à tona a situação da política externa portuguesa durante o reinado de D. João III. Após ter abandonado as cidades de Marrocos, para diminuir as despesas, o reino português deixa à mercê da sorte os soldados que para lá foram enviados.

² Por que os homossexuais foram perseguidos pela Inquisição no Brasil? In www.revistadehistoria.com.br

No segundo verso, aparecem os mouros. Como as forças portuguesas viviam em luta constante contra eles e isso representava uma grande despesa para a Coroa, o rei, por questão de economia, achou melhor abandonar as cidades outrora sob o domínio português, deixando-as sob o controle dos mouros, como, por exemplo, Safim e Azamor.

Tendo abandonado a África, El-rei volta seus olhos para a *Terra Brasilis*. O determinante usado por Buchanan para se referir ao Brasil é *fusca*. Há duas interpretações possíveis para este adjetivo: a primeira é que ele esteja se referindo à pele “trigueira” dos aborígenes brasileiros; a segunda é que ele serve para caracterizar o Brasil como uma terra “obscura”, ou seja, que tem muito “a ser descoberto”.

E que tipo de colono, em especial destacado neste poema, é enviado ao Brasil. Para defini-lo, primeiramente, o vate escocês emprega o adjetivo *obscaenos*, formado pelo prefixo *ob*, “diante de”, “no caminho de” e *coenum*, “sujeira”, “imundície”, daí, “imoralidade”. Assim, o “obsceno” é aquele que vai contra os usos e costumes considerados “normais” e envereda pelo caminho da imoralidade.

No quarto verso, aparece o verbo *fodere*, “cavar”. Oriundo da linguagem rural, ele é empregado neste poema no sentido denotativo e conotativo. Na sua segunda aparição, ele é usado literalmente, “cavar” alguma coisa, terra, buraco; na primeira, porém, aparece no sentido metafórico com conotação sexual. Faz-nos lembrar, por isso, o nosso verbo “foder”, que, como sabemos, é uma forma chula para designar a relação sexual, sendo utilizado, ainda, como forma de xingamento. Vale lembrar que metáforas agrárias estão presentes na língua latina desde os seus primórdios, como podemos constatar em Plauto:

*AST. Non arvos hic, sed pascuost ager: si arationes
habituru's, qui arari solent, ad pueros ire meliust. 150
hunc nos habemus publicum, illi alii sunt publicani.
(Truculentus, I, 149-151)*

“Não há lavoura aqui, mas campo de pastagem. Se tens o hábito de arar, é melhor ir ter com os rapazinhos que costumam ser arados. Nós temos este público, eles, porém, são publicanos de outro.”

O excerto acima é uma conversa entre Astáfio e Diniarco. A primeira trabalha para a cortesã Fronésio e o segundo é seu amante. Ele a culpa e também a sua patroa de o terem levado à ruína, pois ele gastou tudo o que tinha em troca de sexo. Na resposta dela merece destaque o verbo *arare* e o jogo de palavras criado a partir da oposição entre *publicum* e *publicani*., ou seja, os serviços prestados por elas eram imprescindíveis, de utilidade pública; enquanto os *pueri* faziam-no apenas como fazem os cobradores de impostos.

Buchanan, ao empregar o vocábulo *cinaedus*, traz à tona a influência grega na composição do léxico latino relativo à sexualidade. Diferentemente de *pathicus*, cuja origem é o verbo grego *πάσχω*, que significa “sofrer”, daí o seu valor passivo na hora do *coitus*. *Pathicus*, então, na relação homossexual, é aquele que pratica a *irrumatio*; já *cinaedus*, que originalmente significava “dançarino”, é aquele que sofre a “pedicação”. A origem deste termo se deve, provavelmente, ao fato de músicos e dançarinos, graças ao seu caráter libertino, se entregarem frequentemente à prostituição. É claro que, aqui, Buchanan não faz esta distinção e emprega o vocábulo *cinaedus* como sinônimo de “sodomita”, conforme testemunho de Guimarães Pinto:

Em segundo lugar, lembro que o termo que Buchanan utiliza para designar os homossexuais é uma palavra grega (cinnaedus, i), aclimada ao Latim: procurei dar o ar exótico que resulta do emprego de uma palavra estrangeira usando na tradução o termo português antigo que, juntamente com “somítigo”, servia para designar os sodomitas: “fanchono”, que curiosamente se originou no italiano fanciullo, “moço”.

Em razão da abundância do vocabulário sexual latino neste poema, Jan Swearingen tece o seguinte comentário sobre ele: “As imagens e o vocabulário de Buchanan são evocativos de Catulo; o seu tema, o encontro do Brasil com colonos ‘repugnantes’”³. Com esse comentário, percebemos que as críticas de Buchanan à política da coroa portuguesa são de cunho pessoal e, para tanto, ele buscou inspiração num poeta que soube, como nenhum outro, usar o vocabulário sexual latino para atacar de forma voraz seus desafetos.

Com a anáfora *qui/qui*, o eu-poético diz quem são os responsáveis pela condição vexatória dos soldados e pelo favorecimento dos “obscenos colonos”. Segundo a tradução de Pinto, os dois pronomes se referem à mesma pessoa, D. João III; já a tradução inglesa (A.A. Williamson⁴), entendendo que Buchanan atacava, de maneira velada, a Igreja, faz com que, entre parênteses, o primeiro pronome se refira ao clero e o segundo, a D. João.

³ Buchanan’s imagery and vocabulary are evocative of Catullus; his topic, Brazil’s encounter with “disgusting” colonists, in Review George Buchanan, poet and dramatist.

⁴ Scots, Indians and Empire: The Scottish Politics of Civilization 1519-1609, in Past and Present

Encontramos no último verso do poema uma invectiva contra o soberano e sua política de colonialismo, dizendo que aquele que favorece aos que nada merecem e deixa a esmolar aqueles que lutam pela glória da terra, não sabe governar em períodos de “guerra”, usando, para personificá-la, o vocábulo *Marte*.

TEXTO E TRADUÇÃO

XXX. In Colonias Brasilienses , vel Sodomitas a lusitanis missos in Brasiliam.

Descende cœlo turbine flammeo
Armatus iras, Angele, vindices,
Libidinum jam notus ultor
Exitio Sodomae impudicae.

En rursus armis quod pereat tuis
Lustrum Gomorrhæ suscitatur semulum ,
Syrum propago , et exsecrandæ
Spurcitiæ renovat palaestram.

Pars illa mundi, quam sibi propriam
Sedem dicavit mollis amoenitas
Luxusque, sub fœdis colonis
Servitium tolerat pudendum.

Abominandis arsit amoribus
Strigosus æstu, pauperie et fame,
Glandis vorator, virulentum
E raphanis redolens odorem.

Quem, rere, ponet nequitia modum
Frenis libido libera? et insolens
Humanioris ferre victus
Illecebras meliore cœlo?

O Christiani infamia nominis!
O fœda labes et nota temporum!
O turpium turpisque causa, et
Exitus, et pretium laborum!

Ignota rostris verrimus æquora,
Gentes quietas sollicitavimus
Terrore belli, orbisque pacem
Miscuimus misero tumultu.
Varremos
Per ferrum et ignes et mare naufragum
Secreta rerum claustra refregimus,
Ne deesset impuris cinædis
Prostibulum Veneris nefandæ.

(...)

Desce do céu em um rubro turbilhão, ó anjo, tu que, armado de ira vingadora, és o punidor já conhecido das libidinagens na destruição da impudica Sodoma. Que ela pereça de novo por meio das tuas armas! Os descendentes dos sirios suscitam um sacrifício à Gomorra e renovam o lugar da execrável imundície. Aquela parte do mundo, que a frágil amenidade e a luxúria chamaram de sua própria casa, sob repugnantes colonos tolera a vergonhosa escravidão. Magro, por causa do calor, da pobreza e da fome, ardeu de desejo por amores abomináveis, o devorador de glandes, exalando um cheiro horrível de suas raízes. Tu pensas que a libido, livre de freios, porá freios a tua maneira devassa de viver? Ela está pouco acostumada a experimentar os encantos de uma vida mais civilizada sob um céu melhor? Ó infâmia do nome cristão! Ó flagelo hediondo e mancha do nosso tempo! Ó causa torpe das torpes e consequência e preço dos (seus) trabalhos! Singramos mares desconhecidos com nossas naus, com o terror da guerra inquietamos povos pacíficos e, com triste alvoroço, perturbamos a paz do mundo.

Através do ferro, do fogo e do naufrago mar, quebrantamos os secretos ferrolhos das coisas, para que não faltasse aos impuros afeminados um prostíbulo de nefando amor.

COMENTÁRIOS

A palavra “sodomita” e “sodomia” surgiram, com certeza, da cidade de Sodoma. Segundo o relato bíblico, havia duas cidades, Sodoma e Gomorra, altamente contaminadas por práticas sexuais condenadas por Deus, em especial a relação entre pessoas do mesmo sexo. Mais tarde, como sabemos, a proibição desse tipo de prática sexual, entre o povo hebreu, passou da tradição oral para o texto escrito, a lei mosaica.

Buchanan, na primeira estrofe, ao invocar a presença do anjo, leva-nos ao contexto bíblico em que estas cidades, em particular Sodoma, estão inseridas. Antes do acontecimento fatídico, Deus, o Senhor, diz a Abraão que destruirá Sodoma e Gomorra por causa de seus pecados. Ele intercede por elas, mas no capítulo dezenove, seu sobrinho Ló, que era o único justo na cidade de Sodoma, recebe em sua casa dois varões. Esses dois varões são, na verdade, “anjos”, o que se comprova pela palavra hebraica *ham-mal-'ā-?im*, que pode significar, ainda, “mensageiro”. Na verdade houve um antroporfismo, pois aos olhos dos homens de Sodoma, eles eram humanos. Os habitantes de Sodoma, ao descobrirem que Ló tinha visita em casa, vão ao encalço dos forasteiros. No versículo cinco, eles ordenam a Ló que os entregue para que eles “possam conhecê-los”. É no verbo “conhecer” que reside as reais intenções dos habitantes de Sodoma. Como se sabe, este verbo é um eufemismo bíblico para “ter relações sexuais com alguém”. Assim sendo, fica claro não só o que pretendiam aqueles homens, mas também o porquê da origem de “sodomita”. Como se sabe, os anjos cegaram os homens da cidade, salvaram Ló e sua família e as duas cidades impenitentes foram destruídas por enxofre e fogo enviados dos Céus. Na segunda estrofe, aparece o topônimo Gomorra. Aqui merece destaque o sintagma *En rursus armis quod pereat tuis*, onde destacamos *rursus* e *pereat*, uma vez que o primeiro elemento apresenta o Brasil como uma nova Gomorra e o segundo expressa o desejo do poeta: que ela seja castigada pelo anjo, “que pereça”.

A terceira estrofe se inicia com uma referência implícita ao Brasil: *pars illa mundi*. Em seguida o poeta, através de *mollis amoenitas Luxusque*, descreve o tipo de comportamento daqueles que foram enviados ao Brasil. Por fim, ele, em razão do comportamento destes, caracteriza-os como *foedis*. Parecemos que há, no final da estrofe, uma referência à escravatura: o que deveria ser motivo de vergonha, a escravidão, é visto como algo natural, e aquilo que vai contra a natureza, segundo o poeta, é tolerado.

Na quarta estrofe, encontramos a descrição física desse tipo de degradado. Ele é apresentado como um *glandis vorator*, ou seja, um homossexual passivo, um pederasta ou, como era comum na época, um “invertido”. Quanto ao vocábulo *raphanis*, literalmente “berinjela”, ele provavelmente é empregado como um eufemismo para “ânus”.

Na estrofe seguinte, por meio de perguntas de retórica, o autor diz que aqueles que estavam acostumados a viver aquele tipo de vida em Portugal, continuariam a vivê-la no Brasil, mesmo vivendo em um mundo mais encantador, pois não teriam forças para lutar contra a sua torpe natureza.

A penúltima estrofe se opõe à anterior por passar do questionamento ao desabado, o que se evidencia pela presença das frases exclamativas. O eu-poético fica indignado por ver, entre os cristãos, pessoas que se comportam de maneira tão sórdida e obscena. Ronaldo Vainfas, ao analisar a associação que vários códigos europeus desse tempo faziam entre os sodomitas e a ira de Deus sobre eles, leva-nos a concluir que muitos compartilhavam do mesmo pensamento do mestre escocês: “... conclui-se que, se a sodomia violava a lei natural quanto ao uso do corpo e por isso provocava desgraças no mundo desde a destruição de Sodoma e Gomorra, ela certamente violava a ordem divina e `as coisas de fé`.”⁵

Nas duas últimas estrofes, mestre Jorge ataca de forma voraz a política colonialista de Portugal. As suas declarações soam, na verdade, como interrogações. Para que atravessamos mares “nunca d’antes navegados?” Para que perseguimos, catequizamos e matamos povos pacíficos? E ele mesmo responde: para entregarmos este novo mundo nas mãos de colonos libidinosos. Para reforçar a sua resposta, ele recorre a um vocabulário que, do seu ponto de vista, expressa de forma clara e objetiva quem são esses colonos e como eles vivem: são homossexuais (*cinaedis*) e, por isso “impuros” (*impuris*); o Brasil é o seu “prostíbulo”, onde agora podem, livres dos olhos da Inquisição, praticar abertamente seu “nefando amor”.

CONCLUSÃO

Aqui, o distanciamento se faz necessário, uma vez que não podemos olhar para o mestre Jorge como um homem do século XXI, nem mesmo querer enquadrá-lo no politicamente correto dos nossos dias e taxá-lo de homofóbico. A sua visão reflete o pensamento de um homem religioso de seu tempo e

⁵ Homoerotismo feminino e o Santo Ofício, in *Histórias das mulheres no Brasil*.

como tal deve ser estudada, entendida e analisada. Deve-se dizer, porém, que os versos do vate escocês têm sua origem não no ódio aos homossexuais, mas na sua sede de vingança contra a monarquia portuguesa, vindo, à reboque, o seu ataque àqueles que, conforme o seu ponto de vista, tinham um comportamento sexual ante natural, segundo o vocabulário da época, os sodomitas.

Referências bibliográficas

- BRAGA, Paulo Drummond. *D. João III*. Lisboa: Hugin Editores Ltda, 2002.
- CORREIA, Arlindo. *George Buchanan (1506-1582)*. Online: disponível na internet via <http://arlindo-correia.com/200308.html>
- FORCELLINI, Egídio. *Totius Latinitatis Lexicon*. Online: disponível na internet via <https://books.google.com>
- História das Mulheres no Brasil. Organização de Mary Del Priore e coordenação de textos de Carla Bassanezi. São Paulo: EDITORA CONTEXTO, 2002.
- MOTT, Luiz. *Por que os homossexuais foram perseguidos pela Inquisição no Brasil?* Online: disponível na internet via <http://www.revistadehistoria.com.br>
- PLAUTUS: *Stichus. Three-Dollar Day. Truculentus. The Tale of a Traveling-Bag. Fragments*. Translated by Wolfgang de Melo. USA: Harvard University Press, 2013
- PINTO, Antonio Guimarães. *O Brasil do século XVI na poesia novilatina do escocês George Buchanan*. Online: disponível na internet via <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Guimarães>
- SWEARINGEN, Jan. *Review George Buchanan: poet and dramatist*. UK: The Classical Press of Wales, 2006.
- WILLIAMSON, Arthur A. Scots, Indians and Empire: The Scottish Politics of Civilization 1519-1609, in *Past and Present*, n.º 150 /Feb., 1996), pp. 46-83.

Notas

¹ *Ordenações Manuelinas, no Livro 5, título 12, apud António Guimarães Pinto.*

² Por que os homossexuais foram perseguidos pela Inquisição no Brasil? In www.revistadehistoria.com.br

³ Buchanan's imagery and vocabulary are evocative of Catullus; his topic, Brazil's encounter with "disgusting" colonists, in *Review George Buchanan, poet and dramatist*.

⁴ Scots, Indians and Empire: The Scottish Politics of Civilization 1519-1609, in *Past and Present*

⁵ Homoerotismo feminino e o Santo Ofício, in *Histórias das mulheres no Brasil*.